

• ESTILO: RETRATO DA ESCRITURA

Coordenador(a): *Nelyse Aparecida Melro Salzedas*

"Mas, quem escreve? Também a si se escreverá?" Tolstói e Stendhal, quando acabaram de escrever *Guerra e Paz* e *Cartuxa*, respectivamente, encontraram-se neles? Essas indagações, presentes no texto de Saramago (*Manual de Pintura e Caligrafia*, 2001, p. 79), geram outras, a exemplo do ato de escrever, da luta pela expressão, da escritura como retrato, como espelhamento. O retrato escritural buscado por Dom Casmurro, por Paulo Honório, por Cecília Meireles, é o espelho da alteridade, é a caligrafia plástica, signos sobre signos, um anagrama do escriba. Sua produção cria tensões que se expandem por meio da linguagem em que, no dizer de Saramago, é como o pincel agindo como bisturi sobre o papel. É o Catar Feijão, de João Cabral; o *Romanceiro da Inconfidência* de Cecília Meireles; *A Palavra*, de Carlos Drummond, a procurarem a flexibilidade, a sonoridade, as arestas da língua portuguesa, em busca da construção do simulacro, da representação pela expressão. O título de Saramago: *Manual de Pintura e Caligrafia*, posto na parte de baixo da capa, sob uma gravura de Arthur Luiz Piza, constrói o peritexto, índice da visibilidade estilizada pela retórica da legibilidade. Começa a luta pela expressão: manual, feito com a mão; caligrafia, beleza do traço; pintura, beleza da linha e da cor. São duas linguagens plásticas que, dentro das páginas do livro, vão proporcionar o jogo dialético da expressão: o ato de representar, o ato de escrever. Pelas leituras daqueles poetas e romancistas, constatou-se a preocupação do ajuste da forma ao conteúdo, de retratar-se pela escritura, de construir um simulacro da alteridade, que é o manuscrito. Como diz, ainda, Saramago: "Tantas palavras escritas desde o princípio, tantos traços, tantos sinais, tanta necessidade de explicar e entender" (Op. cit., p. 109-110).

ESTILO: O RETRATO DA ESCRITURA EM CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Léa Sílvia Braga de Castro Sá

Neste Simpósio "Estilo: retrato da escritura", entendendo como Roland Barthes que escritura é a ciência das fruições da linguagem e que o tratado desta ciência é a própria escritura, vamos analisar alguns poemas de Carlos Drummond de Andrade para mostrar a busca da palavra exata, a luta pela expressão ("Penetra surdamente no reino das palavras" (...) "Chega mais perto e contempla as palavras"). Como o poema é uma estrutura de palavras e palavra gera palavra, vamos analisar os recursos poéticos ocultos na estrutura morfológica e sintática de "Palavra Mágica", "No

meio do caminho", "A palavra Minas" ... Sendo o poema um exercício crítico e reflexivo, é um texto duplo - poético e crítico - e a análise da poesia desemboca no ato de expressão: é significativa gerando significado, através da construção da palavra. Podemos, assim, inseridos na Linha Temática "Texto e Discurso - a produção do texto", mostrar que palavra e contexto se harmonizam e perguntar como Saramago "Mas, quem escreve? Também a si se escreverá?" ("Minas não é palavra montanha/ É palavra abissal./ Minas é dentro/ e fundo (...) Só mineiros sabem").

ESTILO: O RETRATO DA ESCRITURA EM JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Cíntia Maria Ramazzini Remaeh

A luta pela expressão, pela busca da palavra exata tem perseguido incontáveis escritores nas mais diversas literaturas, quando estes, obcecados pela angústia própria daquele que escreve, deparam-se com a folha branca de papel. João Cabral de Melo Neto, escritor brasileiro, também não escapou de tal perseguição. Ao entrelaçar termos de conteúdos semânticos distintos para construir suas metáforas, o que poderia parecer um simples recurso poético é, na verdade, um autor realizando um verdadeiro exercício crítico do que seja a expressão. Seu poema é simultaneamente reflexão e análise dessa busca pela expressão. Os próprios títulos de seus livros - O engenheiro (escrito entre 1942/1945), Psicologia da composição (1946/1947) e A educação pela pedra (1962/1965) - falam de sua obsessão pela escritura, dessa angústia que não ficou restrita ao primeiro de seus livros. Assim, neste estudo, realizaremos uma análise da escritura cabralina, em busca do retrato de tal angústia, o qual foi esculpido em seus poemas, através de um estilo, pelo qual nossa visão torna-se tátil, pois a palavra é a pedra que precisa ser lapidada pelo esmeril do poeta. Para tanto, não lançaremos mão dos antológicos "Catar Feijão", " Tecendo a manhã"... Mas traremos à baila poemas como " Alguns toureiros", em que tão bem Cabral nos remete à metáfora do gestual da mão do toureiro como a mão do poeta, " Lição de poesia", em que através do poema, ele constrói a poética ou O engenheiro, no qual fica clara a busca pela exata expressão. Desse modo, nossa comunicação, dentro da temática Texto e discurso, ficará centrada na produção textual, pois como dizia Barthes: " A escrita é isto: a ciência das fruições da linguagem(...) (desta ciência, só há um tratado: a própria escritura)".

ESTILO: RETRATO DA ESCRITURA - INTRODUÇÃO

Nelyse Aparecida Melro Salzedas (UNESP)

O ato de escrever é um espelhamento. Por meio da linguagem, o autor do texto procura flexibilidade, sonoridade, em busca da construção do simulacro, da representação pela expressão. É como o pincel agindo como bisturi sobre o papel.

O texto de Saramago (Manual de Pintura e Caligrafia, 2001) dialoga com a capa, uma gravura de Arthur Luiz Piza, construindo o peritexto, índice da visibilidade estilizada pela retórica da legibilidade. São duas linguagens plásticas que, dentro das páginas do livro, vão proporcionar o jogo dialético da expressão: o ato de representar, o ato de escrever.

Saramago, João Cabral, Cecília Meireles, Carlos Drummond, Raul Pompéia, Olavo Bilac, na angústia da expressão, buscam o ajuste da forma ao conteúdo, do retratar-se pela escritura e, assim, construir um simulacro da alteridade.

ESTILO: RETRATO DA ESCRITURA EM RAUL POMPÉIA

Márcia Aparecida Barbosa Vianna (USP)

Estive lendo Saramago, Manual de Pintura e Caligrafia, e uma frase do autor tocou-me: "Quem retrata, a si mesmo se retrata? Mas, quem escreve? Também a si escreverá?" Lembrei-me de Raul Pompéia, de sua crônica "Glória latente", onde faz uso do discurso argumentativo e poético,

através da metalinguagem, sobre o ato de escrever: ética, tema, forma, manipulação da palavra, vontade e amor. Há um debate entre a realidade e a escrita que nos leva à reflexão, quando o autor expõe, em um jogo de palavras, o momento crucial em que nasce o texto e surge a oportunidade de seu criador se revelar: "No papel em branco, lustroso, iriava-se por uma zona estreita um reflexo do claro dia. Ele deixou-se fascinar pelo brilho da folha. Era como um rio de luz infinitamente". E Saramago novamente questiona: "Como pôr tudo isso num retrato, como pôr tudo isso, também, num manuscrito? "

Então dois mestres da literatura se encontram, dialogam, questionam. Saramago e Raul Pompéia, em um espelho verbal, cujas palavras, muitas vezes retorcidas, traçam a imagem da dor existente entre a realidade dos outros e a própria realidade. O lusitano rebate: "Mas nada disto evita que posto um homem a escrever o mais naturalmente do mundo, sem intuítos apoloéticos ou contrários, sem outra idéia senão a de contar uma viagem para depois lhe chamar exercício de autobiografia. " Refletindo ainda: "Escrever é uma escolha, tal como se escolhem cores ou se determina a extensão e a direção das linhas." O brasileiro entoar: "Bastava colher habilmente no cristal o fio líquido e desfiar na página. Ali dormia o estilo na síntese fluida do bocal, a cor, o desenho sábio da palavra."

ESTILO: RETRATO DA ESCRITURA, EM SARAMAGO E BILAC

Rivaldo Alfredo Paccola

Pretendemos discutir a angústia pela expressão em Saramago e Bilac, revelada pela escritura de seus textos, nos quais sobressai o estilo. "Ah, esta língua tantas vezes incapaz de acertar, se não tivermos um constante cuidado." (SARAMAGO, Manual de Pintura e Caligrafia, 2001, p. 246). O escritor revela a dificuldade na seleção das palavras que melhor representem suas idéias, tal como um pintor que, cuidadosamente, mistura as cores e, com um pincel, lança-as sobre a tela. Quais palavras se ajustam ao pensamento? Trata-se, pois, da angústia, da dor pela expressão artística, já que a escrita permanece. "E a Palavra pesada abafa a Idéia leve [...] Quem o molde achará para a expressão de tudo?" (BILAC, Inania Verba). O poeta, igualmente, angustia-se, porque não existe uma correspondência entre as infindáveis possibilidades no plano das idéias e sua representação pelo signo lingüístico; daí indaga, se haveria uma solução mágica, um molde perfeito, no qual coubessem todos os pensamentos. Deste modo, de acordo com o primeiro autor, a palavra produz o simulacro e, conforme o segundo, sufoca a expressão. Enfim, permanece a retórica da escritura.

RETRATO DA ESCRITURA EM CECÍLIA MEIRELES

Rosely de Fatima Jurado

Ao ler o texto " Romanceiro da Inconfidência", de Cecília Meireles, é possível perceber que as palavras, por ela usadas, ultrapassam a noção de informação, já nasceram marcadas pela emoção ceciliana.

Vou apresentar a análise e discutir o conceito de palavra, de Cecília Meireles, como expressão, pois ela organiza o material lingüístico, atualizando os elementos do plano de expressão do sistema para veicular o seu discurso, o qual está ligado a sua capacidade textual. Como ressaltou o poeta Murilo Mendes, a obra "resulta de uma combinação homogênea entre força poética, domínio da língua, erudição e senso do detalhe histórico valorizado em vista de uma transposição superior, própria do código da poesia".

O discurso construiu-se através de várias vozes dialogando entre si, permitindo que Cecília o utilizasse com o intuito essencial de exprimir seus pensamentos. É possível perceber tal situação

quando ela mesma diz que "Os fantasmas sabiam, certamente, o que queriam dizer, mas o artista deve desconfiar de sua capacidade de entender essas inspirações que se referem a motivos determinados, e contém uma verdade íntima".

Saramago diz "Mas, quem escreve? Também a si se escreverá? E, retomando o Romance LIII, Cecília escreve "Ai, palavras, ai, palavras, que estranha potência, a vossa! Ai, palavras, ai, palavras, sois de vento, ides no vento,(...)O texto é constituído a partir de outros textos, mas as marcas lingüísticas presentes nas palavras é que deixam sair suas realidades e seus sonhos.